

## **Demônios, maus espíritos e a prática exorcista de Jesus segundo os evangelhos**

**Uwe Wegner**

**Resumo:** O artigo oferece uma análise do fenômeno das possessões e exorcismos nos evangelhos sinóticos, considerando a terminologia usada, a evolução na compreensão dos demônios ao longo dos séculos imediatamente anteriores à era cristã, a diferenciação entre ação de demônios e do diabo, e as hipóteses mais defendidas sobre a maneira de Jesus e da moderna ciência entenderem a ação demoníaca.

**Resumen:** El artículo ofrece un análisis del fenómeno de las posesiones y exorcismos en los evangelios sinópticos, considerando la terminología usada, la evolución en la comprensión de los demonios a lo largo de los siglos inmediatamente anteriores a la era cristiana, la diferenciación entre acción de los demonios y el diablo, y las hipótesis más defendidas sobre la manera como Jesús y la ciencia moderna entienden la acción demoníaca.

**Abstract:** The article offers an analysis of the phenomenon of possessions and exorcisms in the synoptic gospels. It considers the terminology that is used, the evolution in the comprehension of demons throughout the centuries immediately preceding the Christian era, the differentiation between the actions of the demons and the devil, and the most defended hypotheses on the way Jesus and modern science understand demonic action.

## **1 - Incidência de exorcismos e referências à prática exorcista de Jesus ou dos discípulos nos evangelhos sinóticos (e Atos dos Apóstolos)**

*Tese: Todos os evangelhos sinóticos dão testemunho da prática exorcística de Jesus. Esta prática está respaldada pela tradição dos ditos, em especial, os ditos de Mt 12.28 par. e Lc 10.18.*

### **Tabela dos exorcismos praticados por Jesus:**

<b>Exorcismos</b>				
<i>Só exorcismos</i>				
O possesso de Gerasa (Gadara)	8.28-34	5.1-20	8.26-39	
O possesso de Cafarnaum		1.21-28	4.31-37	
A filha da mulher cananéia	15.21-28	7.24-30		
<i>Exorcismos com cura</i>				
O menino epiléptico (mudo)	17.14-21	9.14-29	9.37-43	
O possesso (cego e) mudo	12.22-23		11.14	
O possesso mudo	9.32-34			
A mulher recurvada			13.10-17	
<i>Sumários de exorcismos</i>	4.24; 8.16	1.32-34,39	4.40-41	
	12.15	3.11-12	6.18-19	
			7.21	
		(16.9)	8.2	
<i>Discussão sobre o poder de exorcizar</i>	12.25-32	3.23-30	11.17-23	
<i>Poder dado aos discípulos</i>	10.1,8	3.15; 6.7-13	9.1	
<i>Exorcismo por um não discípulo</i>		9.38-39	9.49-50	

NB: Há ainda uma referência a um exorcismo de Jesus feito em Maria Madalena, da qual teria expulsado 7 demônios (cf. Mc 16.9 par. Lc 8.2). Além disso, Jesus refere-se também à seguinte situação: o ser humano é como uma casa. Se um demônio “for varrido” para fora dela, ele – sob certas circunstâncias – pode voltar a ela com sete espíritos ainda piores e habitá-la novamente: “E o último estado daquela pessoa se torna pior que o primeiro” (Mt 12.43-45 par. Lc 11.24-26).

Nos *Atos dos Apóstolos* há duas referências explícitas à prática exorcista, à parte da informação de At 5.16. No primeiro caso (At 16.16-18), Paulo cura uma “jovem possesa de espírito adivinhador” (v. 16). No segun-

do caso (At 19.13-16), conta-se que os 7 filhos de um judeu, chamado Ceva, que eram exorcistas ambulantes, “tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre possesos de espíritos malignos, dizendo: Esconjuro-vos, por Jesus, a quem Paulo prega”. Mas, segundo o relato, um possesso saltou sobre eles, subjugou-os e fez com que fugissem da casa!

Há poucos textos de Jesus sobre o sentido que atribuía à sua prática exorcista. Fora Mc 3.22ss., os dois versículos mais expressivos são:

Mt 12.28: “Se, porém, eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus [Lc 11.20: pelo dedo de Deus] certamente é chegado o reino de Deus sobre vós”, e

Lc 10.(17,)18: “Então, regressaram os setenta, possuídos de alegria, dizendo: Senhor, os próprios demônios se nos submetem, pelo teu nome!) Mas ele lhes disse: Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago.”

## **2 - Textos sobre possessão no Evangelho de João**

Tese: *No Evangelho de João, Jesus recebe o maior número de acusações de estar endemoninhado (comparar com Mc 3.22-27), mas não é relatado nenhum exorcismo.*

Em João, as referências a Jesus como “possesso” são as seguintes:

7.20: “Respondeu a multidão: Tens demônio. Quem é que procura matar-te?”

8.48s., 52: “Responderam-lhe, pois, os judeus e lhe disseram: Porventura não temos razão em dizer que és samaritano e tens demônio? Replicou Jesus: Eu não tenho demônio; pelo contrário, honro ao meu Pai e vós me desonrais. (v. 52) Disseram-lhe os judeus: Agora estamos certos de que tens demônio. Abraão morreu e também os profetas, e tu dizes: Se alguém guardar a minha palavra, não provará a morte, eternamente.”

10.20s.: “Muitos dele diziam: Ele tem demônio e enlouqueceu; por que o ouvís? Outros diziam: Este modo de falar não é de endemoninhado; pode, porventura, um demônio abrir os olhos aos cegos?”

Normalmente a ausência de narrativas de exorcismos em João se explica pelos seguintes fatores<sup>1</sup>:

---

<sup>1</sup> Cf. para o que segue G. H. TWELFTREE, *Christ Triumphant: Exorcism Then and Now*, London: Hodder and Stroughton, 1985, p. 89s.

1. Em João, os exorcismos se adequavam menos do que as demais narrativas de milagres portentosos para provar a identidade de Jesus como o Messias (Jo 20.30s.);

2. O quarto evangelho, ao contrário dos sinóticos, refere-se pouco ao reino de Deus. Como a prática dos exorcismos estava diretamente associada à vinda deste reino, a sua omissão no evangelho determinou, por extensão, a omissão das narrativas de exorcismos;

3. João não estava primariamente interessado na derrota de demônios isolados, mas na vitória sobre o seu maioral, o diabo. Por isso, ele apresenta vários exorcismos isolados, mas um único e grande “exorcismo”, a saber, a vitória sobre o diabo através da cruz (cf. 14.30 e 16.11).

### **3 - Alguns dados sobre a terminologia usada**

Os termos usados para designar a presença de um ou mais demônios em determinada pessoa são os seguintes:

*Daímon*: é masculino, singular: demônio. A única passagem a usar o termo é a de Mt 8.31 (no plural, masculino: *daímones*).

*Daimónion*: é adjetivo neutro, singular de *daímon*. No plural = *daimónia!*: demônio(s). É empregado, aproximadamente, 63 vezes no NT (Mt 7.22; 9.33,34; 10.8, etc.).

*Daimonízomai*: Ser endemoninhado, ser possesso por um demônio (Mt 4.24; 8.16,28,33; 9.32; 12.22; 15.22; Mc 1.32; 5.15,16,18; Lc 8.36; Jo 10.21).

*Pneúma*: espírito (Mt 8.16; Lc 9.39). Este termo pode vir qualificado pelos seguintes adjetivos:

*Pneúma álon*: espírito mudo (Mc 7.37; 9.17,25);

*Pneúma álon kai kofón*: espírito mudo e surdo (Mc 9.25);

*Pneúma asthenéias*: espírito de enfermidade (Lc 13.11);

*Pneúma akátharton*: espírito impuro (Mt 10.1; 12.43; Mc 1.23,26,27; 3.11,30; 5.2,8,12,13; 6.7; 7.25; 9.25; Lc 4.36; 6.18; 8.29; 9.42; 11.24);

*Pneúma daimoníou akathártou*: espírito dum demônio impuro (Lc 4.33);

*Pneúma ponerón*: espírito maligno/mau (Lc 7.21; 8.2 – cf. At 19.12,13,15,16).

A terminologia empregada permite as seguintes constatações:

a) Os demônios são concebidos como espíritos, ou seja, poderes “sem carne e osso” (cf. Lc 24.39), que incidem sobre as pessoas e lhes causam malefícios.

b) Os evangelhos e o NT, como um todo, curiosamente, empregam uma só vez o termo *daímon* (no masculino plural: *daímones*), em Mt 8.31. No grego *daímon* é termo para designar o “divino”, expressa, pois, uma divindade. A diferença entre *daímon* e *theós* = Deus pode ser definida da seguinte forma: enquanto que *theós* era um termo empregado para referir-se mais à personalidade de Deus, a palavra *daímon* era usada preponderantemente para caracterizar o poder e a ação da divindade, da maneira como se apresentavam na natureza e nas vidas dos diversos seres humanos, seja para o seu bem, seja para o seu mal. O termo que nossas Bíblias traduzem por “demônio(s)”, *daimónion*, é um adjetivo de *daímon*, sendo a terminação *daimónion* característica do neutro singular (o plural neutro é *daimónia*). A escolha deste adjetivo neutro<sup>2</sup> é, no juízo de muitos teólogos, deliberada. Como exemplo para muitos outros/as, citamos A. Álvarez:

*Daimónion* não é nem masculino, nem feminino, mas neutro. Não se trata, portanto, de uma pessoa, mas de uma coisa. Além disso, é um adjetivo substantivado. Indica, portanto, a personificação de uma entidade abstrata. A mentalidade popular havia criado este vocábulo para designar poderes impessoais, potências espirituais ou forças maléficas, capazes de entrar nas pessoas e provocar-lhes enfermidades.<sup>3</sup>

Característico do emprego de *daimónion* no judaísmo intertestamentário e, por extensão, no cristianismo primitivo é que este termo não caracteriza mais poderes espirituais divinos que incidem para o bem ou mal das pessoas (como entre os gregos), mas exclusivamente *poderes espirituais antidivinos*, responsáveis por uma série de desgraças físicas, psíquicas, morais (pervertem ao pecado) e religiosas (geram a idolatria). Ou seja: *demônios* representam, na época de Cristo, seres intermediários entre Deus e as pessoas que acarretam desgraças em suas múltiplas manifestações.

---

2 Segundo G. Quevedo, o emprego excepcional de *daímones* (masc. pl.) em Mt 8.31 se explicaria pelo fato de os demônios terem sido identificados com as pessoas possessas que impediam a passagem aos transeuntes (Mt 8.28): cf. Oscar G. QUEVEDO, *Antes que os demônios voltem: explicação dos fenômenos e análise das teorias à luz da psicologia, filosofia, teologia e parapsicologia*, 2. ed., São Paulo: Loyola, 1989, p. 324.

3 Cf. A. ALVAREZ. ¿El diablo y el demonio son lo mismo?: aclaraciones para una correcta comprensión, *Selecciones de Teología*, v. 34, p. 61, 1995 (tradução própria). Cf. também Oscar G. QUEVEDO, *Antes que os demônios voltem*, p. 324, citando uma assertiva de Trench: “*Daimon* ou *daimonion* [...] não são perfeitamente equivalentes. Em *daimon* há maior implicação de personalidade do que em *daimonion*”.

c) Os “espíritos” são designados de *impuros*. As três razões mais citadas para tal são:

- a impureza não é, nesses casos, um qualificativo moral, mas ritual e cultural. As doenças, provocadas pelos demônios, são sinais de que o reino de Deus ainda sofre reação, resistência – não pode implantar-se (Mt 12.28). Os espíritos seriam “impuros” precisamente por impedirem que a santidade de Deus se torne plena e abrangente. Ora, toda a área ou esfera em que o poder de Deus não está ainda plenamente estabelecido é cunhada de “impureza”, porque afastada de sua santidade<sup>4</sup>;

- a impureza provém do contato de demônios com coisas, seres ou lugares impuros, como desertos (Lc 8.29), ruínas (Ap 18.2), cemitérios, sepulcros (Mc 5.2-5);

- a impureza seria decorrente do fato de “que as doenças por eles causadas faziam com que o endemoninhado contraísse impureza legal e conseqüentemente fosse afastado da plena participação nos atos litúrgicos ou nas assembléias das sinagogas”<sup>5</sup>.

#### **4 - A compreensão de *demônios* ao longo dos últimos séculos anteriores a Cristo**

*Tese: A compreensão dos demônios como espíritos exclusivamente rebeldes e contrários a Deus é fruto de um gradativo, mas demorado processo, em que o cristianismo assimilou idéias do AT, dos gregos e do Antigo Oriente. Originalmente o AT atribuía bênção e maldição unicamente a Deus, e os gregos concebiam os demônios como deuses ou espíritos inferiores, que tanto podiam agir para o bem, quanto para o mal<sup>6</sup>.*

A palavra *daimónion* costuma ser derivada do verbo grego *daíomai*, que significa *partir, repartir*, e usava-se, originalmente, para os seres espirituais reponsáveis pela “partilha” dos destinos das pessoas: eram eles que

---

4 Cf. F. DATTLER, *O mistério do Satanás: diabo e inferno na Bíblia e na literatura universal*, São Paulo: Paulinas, 1977, p. 32s. Ele cita passagens como Is 11.9 e Ap 21.27-22.3 para assegurar a incompatibilidade do divino com qualquer tipo de dano e destruição. Da mesma forma, também STRACK & BILLERBECK, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, München, C. H. Beck, 1928, v. IV/1, p. 503: “Eles eram denominados de espíritos “impuros” porque, como espíritos maléficos, não podiam proceder de Deus, ou seja, não podiam ser espíritos santos ou puros” (tradução própria).

5 Cf. Juan A. R. de GOPEGUI, *As figuras bíblicas do diabo e dos demônios em face da cultura moderna, Perspectiva Teológica*, n. 79, p. 333, 1997.

6 A mais recente obra que informa sobre este processo de assimilação é a de Eric SORENSEN, *Possession and Exorcism in the New Testament and Early Christianity*, Tübingen: Mohr Siebeck, 2002, p. 17-117.

davam a cada um a “sorte” que lhe era devida, seja para o bem, seja para o mal. Um *daímon*, segundo a concepção dos gregos, podia ser considerado tanto uma divindade normal, como uma divindade inferior, como, não por último, um ser intermediário – espírito – entre os deuses e as pessoas. Estes espíritos que, em relação às pessoas, eram originalmente neutros ou “polivantes” tornam-se gradativamente concebidos mais e mais como espíritos malignos e prejudiciais. Costuma-se atribuir a Xenócrates, um discípulo de Platão, a primeira referência explícita à existência de demônios maus (cf. Is 361b e Def 417c-e). Essa tendência de considerar demônios como entidades exclusivamente prejudiciais torna-se predominante nos três séculos anteriores à era cristã e vai determinar decisivamente o entendimento vigente na época de Jesus. Os fatores que contribuíram para esse entendimento exclusivamente negativo da ação dos demônios foram, além da influência do pensamento filosófico grego e, naturalmente, também da cultura popular predominante, os seguintes:

– as idéias dualistas vigentes nas religiões do Antigo Oriente, como dos babilônios, egípcios e persas<sup>7</sup>;

– uma cosmovisão inovadora elaborada por Aristóteles (século IV a.C.) e mais tarde amplamente desenvolvida por Ptolomeu (século II d.C.), cuja principal característica era a de aumentar ainda mais a distância entre deuses e seres humanos, deixando o enorme espaço entre o celeste e o terrestre à mercê de forças incontroláveis, estranhas e hostis<sup>8</sup>;

– as idéias elaboradas no judaísmo tardio, sobretudo nos escritos do Enoque etíope, no Livro dos Jubileus, no Testamento dos 12 Patriarcas e nos escritos de Qumran<sup>9</sup>.

O cristianismo herdou e assumiu a demonologia como algo exclusivamente negativo. Uma atribuição de funções positivas a espíritos ele reserva exclusivamente para os anjos. A atribuição a demônios de males ocorridos a pessoas ou à natureza em forma de doenças, possessão, catástrofes, pragas, etc. desempenhava funções positivas para as perguntas e os questionamentos que fatos como estes levantavam. A principal delas é, sem dúvida, a contribuição que dava à pergunta pela teodicéia, ou seja, a explicação que oferecia para a relação existente entre Deus e os males do mundo. A demo-

---

7 Cf. J. E. M. TERRA (Ed.), *Existe o diabo?*: respondem os teólogos, São Paulo: Loyola, 1975, p. 232-236.

8 C. STRECKER, *Performative Welten*: Theoretische und analytische Erwägungen zur Bedeutung von Performanzen am Beispiel der Jesusforschung und der Exorzismen Jesu (Habilitationsschrift), Neuendettelsau, 2002, p. 277s.

9 Cf. os vários Dicionários Bíblicos, sob o verbete “demônios”, na parte correspondente ao judaísmo tardio/intertestamentário.

nologia afirma que o responsável último pelas desgraças não é Deus, mas forças espirituais que lhe são hostis. Dessa forma se eliminava a tensão entre a crença num Deus poderoso e bom e a existência dos males que, aparentemente, teriam também nele a sua origem! A demonologia afasta Deus como causa última dos males, para atribuí-los à ação de espíritos rebeldes.

Negativamente, este desenvolvimento unilateral na concepção dos espíritos como exclusivamente malévolos prejudica em muito uma relação de abertura e escuta diante de religiões como as dos indígenas ou afro-brasileiras, a exemplo do candomblé, que, como também várias outras, tem uma noção diferenciada dos “espíritos”, admitindo-os tanto malévolos quanto benévolos. Ao tempo do NT, uma idéia semelhante era defendida pela seita de Qumran, que pressupunha a criação divina de dois espíritos, um da luz, outro das trevas<sup>10</sup>.

## **5 - A atuação dos demônios na visão dos evangelhos**

*Tese: Uma característica dos evangelhos é a de distinguirem nitidamente entre ação do diabo e ação de demônios. O diabo é, por excelência, o poder que seduz e tenta para o pecado. A ação dos demônios nos evangelhos sinóticos, ao contrário, restringe-se a provocar doenças, seja de ordem física, seja de ordem psíquica.*

1. Nos evangelhos, *diabo* ou *Satanás* são masculinos, vêm sempre escritos no singular e costumam vir precedidos de artigo definido. Sua principal função é seduzir, tentar e induzir ao pecado. Já *daimónion* nunca vem precedido de artigo, é um neutro, podendo ser empregado também no plural. Demônios não se relacionam com pecado ou tentação, e sim, infringem males físicos ou psíquicos às pessoas. Os demônios agem através de possessão; o diabo, através da sedução e tentação! O NT não fala nem possui expressão equivalente para pessoas “endiabradas” – ele só conhece e se refere, explicitamente, a “endemoninhados”. Por essa razão, Satanás também não é objeto de “expulsão” nos evangelhos. Há, sim, expulsão de demônios, não exorcismos do diabo ou cenas de Satanás atormentando fisicamente possessos<sup>11</sup>!

---

10 Cf. IQS 3.13-4.26: O Espírito da Verdade e o Espírito da Iniquidade. Cada um deles reina sobre um exército de espíritos subalternos que, segundo a sua influência, dividem as pessoas em “filhos da justiça” e “filhos da iniquidade”.

11 A falta de clareza a este respeito tem colocado no passado e presente várias pessoas “endemoninhadas” em condição de profunda repulsa e discriminação por parte de outros cristãos/ãs, que as consideravam como possuídas pelo diabo. As únicas duas passagens que se referem a uma “entrada” do diabo/Satanás em pessoas – no caso, em Judas – são Lc 22.3 e Jo 13.27. Atos 5.3 poderia ser interpretado de forma idêntica: “Então disse Pedro: Ananias, por que encheu

Alguns textos, é verdade, apresentam tendências no sentido de colocar a ação dos demônios em relação mais estreita com a do diabo, a exemplo de Mc 3.22par.; Lc 10.17-19 e 13.11s.,<sup>12</sup>. A tendência nestes casos é a de vincular a causa dos males a uma mesma origem, Satanás. Mesmo assim, este deve ser diferenciado em sua atuação: na tentação, ele atuaria diretamente; na possessão, o faria indiretamente, através de demônios. À luz de At 10.38<sup>13</sup>, alguns pensam poder deduzir que para Lucas, inclusive, o diabo estivesse na origem de toda doença, e não unicamente das possessões.

Como quer que se interprete a relação mais exata entre diabo e possessões demoníacas e diabo e enfermidades em geral, verdade é que tanto as possessões quanto as curas foram objetos de ações salvíficas de Jesus, por entender que a presença do reino representa um estado de integridade física e psíquica. Apesar de os evangelhos testemunharem curas e exorcismos dentro de uma mesma prática realizada por Jesus, deve-se ter sempre em mente que ambas as ações também necessitam ser devidamente diferenciadas, o que se depreende não só dos sumários<sup>14</sup>, mas igualmente do fato de que as narrativas diretamente qualificadas como exorcismos são em número limitado e apresentam características formais e de conteúdo que as diferenciam nitidamente de outras curas<sup>15</sup>.

2. Mesmo que um diagnóstico mais preciso dos exorcismos de Jesus nem sempre seja possível<sup>16</sup>, a ciência tende a identificar as seguintes doenças como determinantes da “possessão” nos textos abaixo:

---

Satanás o teu coração...?” Quevedo é de opinião que, em todos estes textos, as expressões usadas não designam senão “o pecado voluntário e culpável que entra” (cf. Oscar G. QUEVEDO, *Antes que os demônios voltem*, p. 268). De qualquer forma, a ação de Satanás não visa nestes casos atormentar fisicamente as pessoas, o que seria característico dos demônios, mas induzi-las a trair Jesus, respectivamente, a mentir ao Espírito Santo.

12 Em Mc 3.22, associa-se Belzebu, o diabo, com a ação dos demônios, seus subalternos. Em Lc 10.17s. os exorcismos efetuados pelos discípulos (v.17) são vinculados a uma visão de Jesus, que “via Satanás caindo do céu como um relâmpago” (v. 18). Lc 10.11-17 vincula a enfermidade que possuía uma mulher “encurvada” há 18 anos (v. 11s.) com a ação de Satanás (“...a quem Satanás trazia presa há 18 anos”: v. 16). Nem todos os pesquisadores compartilham o pressuposto de que Jesus tenha associado sempre e necessariamente ação de demônios com ação do diabo: cf. para o problema D. Trunk, *Der messianische Heiler: Eine redaktions- und religionsgeschichtliche Studie zu den Exorzismen im Matthäusevangelium*, Freiburg: Herder, 1994, p.78s.

13 Atos 10.38, referindo-se à atuação de Jesus, diz: “...o qual andou por toda a parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo...”

14 Nos sumários dos sinóticos, distinguem-se nitidamente exorcismos de outras doenças. Assim, por exemplo, na ordem de Jesus dada aos discípulos: “Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios” (Mt 10.8) e em textos como Mt 4.24; 8.16; Lc 7.21; 9.1s.

15 Cf. G. THEISSEN, A. MERZ, *O Jesus histórico*, p. 317.

16 Este é, sobretudo, o caso em que os relatos se limitam a mencionar o exorcismo, sem oferecer pormenores dos sintomas. Enquadram-se nesses casos os relatos da expulsão dos sete demônios de Maria Madalena (Lc 8.1-2) e o da cura da filha da mulher cananéia (Mc 7.24-30 par.).

- o possesso de Gerasa: loucura, insanidade (Mc 5.1-20 par.);
- o menino trazido pelo pai: epilepsia (Mc 9.14-29);
- o possesso da fonte de ditos: cegueira e mutismo (Mt 12.22s./Lc 11.14);
- o possesso em Mateus: mudez (Mt 9.32-34);
- a mulher recurvada: problemas de coluna (Lc 13.10-17).

Os pesquisadores se perguntam por que doenças com este tipo de sintomas são atribuídas à ação de demônios e outras, não. Uma primeira resposta plausível parece-nos ser aquela que procura diferenciar entre doenças externas, de causas conhecidas, e internas, de difícil explicação. Oscar G. Quevedo, adepto dessa teoria, sintetiza-a nas seguintes palavras:

Chamavam-se “endemoninhados” os que estavam doentes por causas não-afiantes, internas, e como tais inobserváveis e portanto misteriosas para os conhecimentos médicos da época. Falo de doenças internas, não só psicológicas [...]. Quando a causa é perceptível, visível, talvez até palpável, nunca nos Evangelhos o doente é considerado como endemoninhado.<sup>17</sup>

Esta regra explica perfeitamente por que doenças como a cegueira, lepra, uma mão atrofiada, um fluxo sangüíneo, entre outras, não são remetidas à ação de demônios – todas elas apresentam causas exteriormente detectáveis. Já outras doenças cujas causas eram desconhecidas ou não plenamente identificáveis pela medicina eram tidas como demoníacas. Este é o caso da epilepsia, por exemplo. A que atribuí-la, considerando-se os sintomas repentinos e destrutivos, senão à ação de poderes nocivos, fora do controle humano? O mesmo vale em relação a surdez e mudez. Ora, que explicações poderiam ser dadas aos conterrâneos de Jesus para o fato de existirem pessoas com língua, mas sem poder de voz, e com ouvidos, mas sem poder de audição? E, por último, pensemos no caso do demente de Mc 5.1-20. Hoje sabemos que a loucura pode ter causas psíquicas, funcionais, hormonais ou cerebrais. Mas todas elas são internas e não detectáveis no confronto exterior com a pessoa. Logo, creditava-se no passado a insanidade à ação demoníaca!<sup>18</sup>

---

17 Cf. Oscar G. QUEVEDO, *Antes que os demônios voltem*, p. 316-318. Na p. 317, ele ainda ressalta que a distinção por ele estabelecida não é simplesmente entre doenças físicas e psíquicas, “mas entre doenças com ‘motivo’ perceptível e doenças por uma ‘causa’ não perceptível”.

18 A aplicação rigorosa do critério exposto permite concluir que a narrativa da cura da mulher encurvada de Lc 13.11-16 não compreende um exorcismo (é o que muitos tendem a deduzir do v. 16: “Esta filha de Abraão, que Satanás prendeu há dezoito anos”). Tanto a expressão “um espírito de doença” do v. 11 quanto a comunicação do v. 12 “Estás livre de tua doença” tendem a indicar que se tratou de uma simples terapia. Ora, “espírito de doença” equivale a “doença” simplesmente, como em expressões semelhantes: “espírito de medo”, “espírito de sabedoria”,

A identificação das possessões com doenças de causas desconhecidas na época de Jesus é confirmada ainda por dois fatores adicionais:

Primeiro: a possessão pode ser considerada “doença” especial, pois os próprios evangelistas identificam seguidamente os exorcismos com curas, quando constatam que *possessos* foram *curados* (no grego, o verbo usado é, nestes casos, *therapeúein* – daí *terapia*, no português):

Mt 12.22: “trouxeram-lhe um endemoninhado cego e mudo. E ele o *curou*”;

Lc 6.18: “os atormentados por espíritos impuros também eram *curados*”;

At 5.16: “trazendo doentes e atormentados de espíritos impuros, e todos eram *curados*”<sup>19</sup>.

Segundo: as próprias histórias de exorcismos por vezes oferecem o diagnóstico da verdadeira origem ou causa da “possessão”, qualificando melhor os demônios ou os espíritos que lhes correspondem. É o caso de Lc 11.14, onde se informa que Jesus expeliu um demônio *que era mudo*, concluindo: “E aconteceu que, ao sair o demônio, *o mudo passou a falar*”. O exemplo deixa claro: o que para os antigos era obra de demônio, a mudez, hoje é diagnosticada como uma doença natural, cujas causas podem ser de natureza variada. Caso semelhante é narrado em Mc 9.17-25, em que Cristo conjura um “*espírito surdo e mudo*” (v. 25). Como último exemplo, seja citado Mc 5.15: aí é relatado que, após o “exorcismo”, o possesso foi encontrado assentado, vestido *e em perfeito juízo*. Desta notificação pode-se inferir: se passou a ter juízo, é porque anteriormente estava sem o mesmo, ou seja, apresentava traços que poderiam indicar demência.

A despeito de uma estreita relação entre doença e possessão, convém notar ainda que, na Antiguidade, havia também pessoas extremamente céti-

---

etc. A afirmação de que Satanás teria prendido a mulher há 18 anos vincula a doença a Satanás, como o faz também o texto de At 10.38, embora não no sentido de possessão direta: cf. Oscar G. QUEVEDO, op. cit., p. 322. Este critério, aliás, explica a contento por que também a história da cura do surdo e gago de Mc 7.31-37 não foi considerada como exorcismo, mesmo que, comumente, os mudos e surdos sejam apresentados como possessos (cf. Mc 9.14-29, especialmente o v. 25). Na verdade, a pessoa não era “muda”, mas tratava-se de um “gago”. A cura consistiu em que ele voltou a falar *corretamente*, e não, simplesmente, em que principiou a falar. Ora, daí se depreende que sua “mudez” também não era de nascença. Conclui Quevedo: “Não sendo mudo, não era surdo de nascença, pois aprendeu a falar. Portanto, teria ficado surdo e gago em consequência de alguma doença ou acidente. Tendo sido acidente, até possivelmente ficassem cicatrizes. Por acidente ou por uma doença *externa*, compreende-se que não o chamassem endemoninhado” (op. cit., p. 324).

cas quanto à vinculação de doenças a demônios<sup>20</sup>. Outras, como Hipócrates (século V a.C.), procuravam buscar as causas de doenças como a epilepsia, por exemplo, a partir de fatores totalmente naturais, ou seja, defendiam uma medicina “científica” que pudesse abstrair de deuses ou demônios<sup>21</sup>.

A tese de Oscar G. Quevedo e outros, que diferencia entre doenças com causas internas e externas, mesmo que ofereça um critério plausível de vinculação de certas doenças à ação de demônios, desconsidera, não obstante, um segundo fator que, a nosso ver, é igualmente essencial. Este segundo fator parte da observação de que as narrativas de exorcismos se diferenciam das terapias ou simples curas por três características fundamentais, que consistem em<sup>22</sup>:

1) A pessoa possessa está inteiramente à mercê do demônio, perdendo sua identidade própria e a condição de liberdade sobre seu pensar e agir. Por isso, a maior característica da pessoa possessa é o total estado de alienação em relação a si própria.

2) Há uma disputa, uma “batalha” entre o demônio e o exorcista, uma vez que a presença de Jesus causa perturbação nos demônios e eles, por si sós, não têm interesse em abandonar o possesso.

3) As ações dos demônios vêm acompanhadas por traços violentos e destrutivos, tanto em relação à pessoa do possesso, quanto ao seu meio ambiente.

Estes três traços distintos estão parcialmente presentes em todas as narrativas sinóticas de exorcismos, pelo menos naquelas em que a descrição da possessão é mais extensa. Eles também permitem entender melhor por que um mudo e surdo, por exemplo, é considerado possesso, como em Mc 9.14-29 (cf. o v. 25). O fato de que a doença é interna e de difícil identificação pode ter contribuído para atribuí-la a um demônio. Mas essa atribuição se faria da mesma forma, não apresentasse a pessoa, simultaneamente, também outras alterações de ordem psíquica e espiritual? Parece-nos, pois, que o critério que trabalha com doenças de causas conhecidas e externas em con-

---

19 Cf. ainda vários outros textos em *ibid.*, p. 325.

20 O exemplo clássico é Luciano de Samósata em seu escrito *Philopseudes* (século II d.C.).

21 É famoso o seu tratado sobre a epilepsia no escrito *De morbo sacrum*. Hipócrates advogava como causa primária desta doença inflamações cerebrais que costumavam ocorrer logo após os trabalhos de parto. A interpretação de causas geradoras da epilepsia é do interesse da pesquisa neotestamentária, sobretudo em razão de Mc 9.14-29, em que, para muitos, o mudo e surdo do v. 25 não passava de um epilético, como sugerem os sintomas apresentados nos v. 18ss.

22 Cf. G. THEISSEN; A. MERZ, *O Jesus histórico: um manual*, São Paulo: Loyola, 2002, p. 317; G. THEISSEN, *Urchristliche Wundergeschichten: Ein Beitrag zur formgeschichtlichen Erforschung der synoptischen Evangelien*, 7. ed., Gütersloh: Chr. Kaiser, 1998, p. 94-98.

traposição a causas internas e desconhecidas é útil, mas não explica todos os aspectos do fenômeno. Se fôssemos orientar-nos unicamente por ele, dificilmente ainda haveria casos de possessão, haja visto que a medicina praticamente identificou a origem de todas as doenças. O que acontece na prática, contudo, é justamente o contrário. As possessões não terminaram – elas proliferaram em número aparentemente ainda maior que outrora.

Ao longo de sua história, o cristianismo identificou ação demoníaca não primariamente em função de certas doenças que apresentavam as pessoas possuídas, mas, sobretudo, com base em critérios semelhantes aos inventariados por Theissen e outros (vide acima). Um texto muito citado é o do *Rituale Romanum*, que, há alguns séculos, estabeleceu os seguintes critérios para diagnosticar uma possessão diabólica/demoníaca:

1. O possesso deve falar diversas palavras de uma língua estranha ou entender o que alguém lhe diz numa língua desconhecida.
2. Deve ser capaz de relatar fatos secretos ou acontecidos em lugares distantes.
3. Deve demonstrar forças que excedam a sua idade e transcendam a possibilidade de que a natureza humana dispõe.

Na atualidade, a experiência com maus espíritos e exorcismos tem aprimorado os sintomas de possessão. Há várias listas ou tabelas a esse respeito, parcialmente divulgadas também entre as comunidades. Um autor sintetizou no quadro abaixo um conjunto de sintomas de possessão, com a vantagem de tê-los subdividido em três categorias distintas: sintomas físicos, psicológicos e espirituais. Não será preciso realçar que dificilmente todos esses sintomas afloram, simultaneamente, em cada caso de pessoa endemoninhada. Mas quando, num mesmo indivíduo, há uma presença representativa de um ou mais desses sintomas físicos, psicológicos e espirituais, a probabilidade de tratar-se de uma possessão torna-se tanto maior.

### Tabela dos sintomas relacionados à possessão demoníaca<sup>23</sup>

Sintomas físicos	Sintomas psicológicos	Sintomas espirituais
Força sobre-humana	clarividência	caráter imoral (p. ex.: profanidade, nudez, linguajar obsceno)
expressão facial alterada	telepatia	ameaça verbal ou física a tudo que representa Cristo/cristianismo
mudança na voz (aspereza, zombaria, rouquidão)	habilidade para prever o futuro	entrar em estado de transe quando alguém ora
convulsões, prostração	habilidade para falar em línguas estrangeiras desconhecidas da pessoa possuída	incapacidade de confessar Jesus de forma reverente
insensibilidade à dor	estado de transe	fenômenos <i>poltergeist</i> (p. ex.: ruídos inexplicáveis, objetos em movimento, odores desagradáveis) <sup>24</sup>
Mt 8.28; At 19.16; Lc 4.33ss.; Mc 9.18-22; 5.1-5	At 16.16-18; Mc 1.21-24, 34; Lc 4.33; 1 Sm 18.10; Mc 9.18-22	At 13.4-11; Mc 5.1-5; Lc 9.41s.; 1 Jo 4.1-6; 1 Co 12.3; 1 Sm 18.10

### Conclusão:

1) Não há uma equivalência direta entre “possessão demoníaca” e “possessão diabólica” nos evangelhos sinóticos. Todos os casos explícitos de

23 Cf. B. J. OROPEZA, *99 perguntas sobre anjos, demônios e batalha espiritual*, São Paulo: Mundo Cristão, 2000, p. 131.

24 Felicitas G. Goodman acrescenta ainda outros sintomas de ordem neurofisiológica ou psicológica, que podem acompanhar casos de possessão. Ela faz referência a insônia, febre, agitação, alimentação compulsiva de comida normalmente indigesta ou o seu contrário, na forma de abstenção completa de alimentos, odores repugnantes, musculatura tensa, fortes dores de barriga, gritos, ranger de dentes, choro descontrolado e forte tendência agressiva contra si próprio ou contra parentes. Também para Goodman a clarividência, ou seja, o fato de endemoninhados externarem coisas profundamente relevantes e corretas em relação ao contexto e pessoas com quem convivem, é um dos sintomas mais intrigantes relacionados com possessão: Cf. F. G. GOODMAN, *Ekstase, Besessenheit, Dämonen: Die geheimnisvolle Seite der Religion*, Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1997, p. 149-151.

exorcismos relatados dentro deles atribuem exclusivamente a demônios/espíritos impuros a causa das possessões. Os evangelhos nunca falam de pessoas “endiabradas” quando relatam casos de possessões – o termo empregado é sempre “endemoninhado”. Apesar desta clara diferenciação, há dois textos originários da tradição dos ditos (Mc 3.22 e Lc 10.17s.) que permitem uma interpretação no sentido de ter Jesus vinculado também as possessões demoníacas com a ação do diabo, mesmo que tal interpretação não seja a única possível. Se Jesus de fato foi desta opinião, devemos nos imaginar que ele tenha atribuído diretamente ao diabo/Satanás o papel de sedutor e tentador, enquanto que este, por sua vez, teria deixado a demônios subalternos o papel das possessões. Dificilmente, contudo, Jesus foi da opinião que toda e qualquer doença teria origem satânica, uma interpretação que aparentemente é compartilhada pelo terceiro evangelista em At 10.38.

Diante do exposto, a tese de Álvarez, segundo a qual “La Biblia atribuye al Diablo sólo tentaciones – actos hostiles desde fuera –, pero no enfermedades o posesiones, que dañan a la persona desde dentro”<sup>25</sup> é só parcialmente correta. Na verdade, quem atribui possessões unicamente a demônios não é a Bíblia, e sim, mais concretamente, as narrativas sinóticas de exorcismos, excetuando-se, naturalmente, Lc 13.11-17. A Bíblia como um todo também sabe atribuir possessões e enfermidades ao diabo, mesmo que, por vezes, só indiretamente, como o mostram os citados textos de Mc 3.22; Lc 10.17s. e At 10.38.

2) Uma segunda conclusão a ser tirada é que as “possessões” que nos apresentam os evangelhos encontravam-se, por vezes, vinculadas a “enfermidades” para as quais, na época de Jesus, não se tinha uma explicação satisfatória e que gozasse de ampla aceitação junto ao povo. Este era o caso da surdez, mudez, demência e epilepsia. Na medida em que a medicina avançou e consegue explicar a natureza e origem de tais doenças através de fatores naturais e constatáveis experimentalmente, não há mais razão para vinculá-las a uma ação específica de determinados demônios. Ou seja: até certo ponto o testemunho bíblico sobre as narrativas de exorcismos é deveredor de uma cosmovisão que não necessitamos mais compartilhar, como crenças do século XXI, por encontrar-se atrelada a um estágio da medicina atualmente superado.

3) O tratamento diferenciado que o NT dá a possessões e exorcismos quando comparados às terapias permite-nos inferir que a identificação de “possessões” nos evangelhos não se limita aos casos de doenças com causas

---

25 Cf. *ibid.*, p. 63.

internas e de difícil interpretação. Às características das possessões contavam também a perda da identidade própria, um comportamento destrutivo, vinculado à posse de forças incomuns e um enfrentamento entre o demônio e o exorcista. São, sobretudo, as características dessa natureza que, vinculadas ou não a doenças internas e de causas desconhecidas, identificavam na antiguidade e ainda identificam nos dias atuais os prováveis casos de possessões.

Em razão do exposto, não é possível concordar com a tese de Álvarez, quando escreve o seguinte:

Vemos, pues, que las limitaciones en los conocimientos médicos de entonces están en la raíz de la atribución a los demonios de enfermedades cuyas causas no eran directamente perceptibles por los sentidos. En el lenguaje corriente se supone que una persona está “poseída” cuando un ser personal se introduce en ella, la “posee” y le fuerza a hacer cosas contra su voluntad. Esto no lo encontramos en los Evangelios. En ellos siempre se trata de enfermedades para las que la medicina de la época no tenía respuesta.<sup>26</sup>

Aquilo que Álvarez chama de “linguagem corrente” e contesta é exatamente o que os relatos exorcistas dos evangelhos confirmam unanimemente, ou seja, que a pessoa “possessa” realmente não é mais dona de si mesma, passando a realizar não o que ela própria deseja, mas aquilo que é obrigada a fazer a partir do “espírito” que a comanda. Rotular essa característica de “crença popular” é fugir às evidências, não só dos textos bíblicos, mas também das possessões de maus e bons espíritos que afloram por toda parte.

4) A análise dos exorcismos levanta um problema de tradução. Segundo Oscar G. Quevedo<sup>27</sup>, os resultados das pesquisas sobre os exorcismos de Jesus deveriam evitar que leitores modernos fossem falsamente induzidos a pensar que, historicamente, Jesus tenha lidado com “anjos rebeldes, demônios, divindades, espíritos [...] atormentando os doentes”. Neste sentido, ele desrecomenda traduções do tipo “endemoninhado”, “possuídos por demônios”, tendendo a substituí-las por expressões como “afligidos por forças nocivas” ou “vexados por transtornos malignos”. Essas últimas empregam termos imprecisos e meio misteriosos, que melhor condiriam com aquilo que na época se entendia por “posseço” e “endemoninhado”. A sugestão de Quevedo, contudo, é temerária: se aceitássemos sua proposta, as traduções passariam a desrespeitar o código lingüístico cultural da época neotestamentária, deixando as e os leitores por demais à mercê das interpretações do significado de “endemoninhado” às quais tivessem aderido os respectivos editores.

---

26 Cf. A. ÁLVAREZ, op. cit., p. 62.

27 Cf. op. cit., p. 325.

Além disso, “estar endemoninhado” deve ainda hoje, para muitos leitores e pesquisadores, ser tomado ao pé da letra e entendido como “sob influência de poderes espirituais, contrários a Deus”. Ou seja: a tradução será tanto melhor quanto mais literal e quanto menos sujeita a interpretações se apresentar.

## **6 - Hipóteses sobre a compreensão dos demônios em Jesus**

A partir dos dados colhidos nos itens anteriores, podemos nos ocupar agora com a compreensão que o próprio Jesus teria tido do fenômeno das possessões. Jesus cria em possessões demoníacas, em ação direta de espíritos malignos, segundo a mentalidade corrente de sua época, ou ele sabia que as pessoas endemoninhadas não passavam de doentes físicos e mentais, cujas causas naturais só estariam a esperar por explicações cada vez mais satisfatórias, de acordo com o progresso da ciência médica? É impossível responder a esta pergunta com certeza absoluta. O que podemos fazer é apresentar e comentar brevemente as hipóteses mais aventadas. Elas são em número de três.

*Primeira: Jesus, como filho de sua época, era devedor, como tantos outros, da compreensão dos fenômenos na medida em que sua cultura e os avanços da medicina da época o permitiam. Isto significa que o seu nível de conhecimento humano era limitado como o de qualquer outra pessoa. Por isso, é muito provável que também ele cresse em “demônios” como sendo “espíritos maléficos e contrários a Deus” e que praticasse exorcismos por ser esta a maneira pela qual, para seus contemporâneos e para ele próprio, uma libertação dos demônios era esperada e suscetível de ter eficácia.*

*Inferência:* A inferência que comumente se tira de hipóteses como esta é que então nós, como filhos de outra época, vivendo sob diferentes códigos culturais e sob o avanço da medicina, não seríamos mais necessariamente devedores da crença em “possessões demoníacas”.

Essa inferência, contudo, é, até certo ponto, precipitada. Em primeiro lugar, já vai longe o tempo em que duas frases de Bultmann marcavam um consenso entre pesquisadores liberais, quais sejam: “Não se pode usar luz elétrica ou aparelho de rádio ou, em casos de doença, valer-se dos recursos medicinais e clínicos modernos e, ao mesmo tempo, crer no mundo dos espíritos e milagres do Novo Testamento”, e “Com o conhecimento das forças e das leis da natureza, morreu a crença na existência dos espíritos e demônios”. Hoje em dia usa-se luz elétrica e trabalha-se com computador, mas, simultaneamente, visita-se também terreiros de umbanda, sessões espíritas e cultos

de exorcismos como os da IURD (Igreja Universal do Reino de Deus). Pesquisas em países avançados da Europa e nos EUA comprovam o mesmo fenômeno: a crença num mundo espiritual, permeado também por espíritos maus, pode ser largamente atestada em praticamente todas as camadas sociais e culturais da população latino-americana. Ou seja: o pressuposto de que quanto mais evoluísse a medicina tanto menos haveria crença em ação demoníaca não se confirma.

Em segundo lugar, não é correto pensar que, na Antiguidade, a crença em demônios era generalizada. Já nos referimos à medicina “científica” apresentada por Hipócrates (século V a.C.) em seu escrito *De morbo sacro* que, ao invés de recorrer à crença em demônios, procura pelas causas naturais das doenças. Um outro escritor do século segundo d.C., o sofista Luciano de Samosata, sabe ser extremamente cético em relação a demônios, fantasmas e espíritos de mortos em seu escrito *Philopseudes* (O falso amigo), em que debocha dessas crenças em ascensão junto à classe alta da época. Um outro testemunho, diretamente ligado ao século I de nossa era, nos fornece At 23.8: “[...] pois os saduceus declaram não haver ressurreição, nem anjo, nem espírito [...]”<sup>28</sup>. Ou seja: a crença em demônios não era simplesmente uma obrigação cultural da época. Tudo leva a crer, ao contrário, que o povo estava – no passado – diante de fenômenos bem intrigantes e semelhantes aos de hoje e que, portanto, não cria em demônios por simples capricho.

*Segunda: Jesus pode ter sido um filho avançado de sua época. Pode não ter crido em demônios, mas usado deste código cultural para comunicar-se melhor com os seus conterrâneos. Ele “adaptou-se” às crenças demoníacas com o único objetivo de melhorar a eficácia da libertação dos possessos.*

*Inferência:* Não há mais necessidade de crermos em “demônios” hoje em dia. Mas, diante de pessoas que ainda respiram o antigo horizonte cultural e de crenças, pode ser relevante comunicar-se dentro de categorias e estruturas de pensamento idênticas. O objetivo não deveria ser perpetuar as pessoas dentro do antigo sistema de crenças, mas respeitá-las em seu modo de pensar e crer. A médio prazo, seria perfeitamente legítimo que estas mesmas pessoas pudessem ser confrontadas também com outras crenças a respeito de demônios, oferecendo-se-lhes, dessa forma, maiores opções para a sua definição e amadurecimento de fé.

---

<sup>28</sup> Também Filão de Alexandria e Flávio Josefo, escritores contemporâneos a Jesus, sabiam ser muito “racionais” diante de fenômenos que permitiam interpretações diferentes: Cf. G. H. TWELFTREE, *Christ Triumphant*, p. 140s.

Esta hipótese é temerária por uma razão muito simples. Quem, para si mesmo não acredita numa coisa, dificilmente vai conseguir repassar a outros a crença, não só de que acredita, mas também de que os pretende libertar de um mal em que, no fundo, não crê. Ou seja: dentro desta hipótese, a eficácia dos exorcismos de Jesus seria curiosa, difícil de entender. Mas há ainda uma segunda razão que torna esta hipótese improvável. É que Jesus pressupõe a existência de demônios também na tradição dos ditos, a exemplo de Mc 3.22-27 e Lc 10.17-20, etc. Se ele próprio não crese em demônios, não seria de esperar que ao menos em seu ensino este detalhe viesse à tona, ou seja, que ao menos para os seus discípulos ele aclarasse o que cria e não cria a esse respeito?

Terceira: *Jesus pode ter evoluído em seu pensamento a respeito dos demônios. Num primeiro estágio, pode ter tido uma fé bem à semelhança dos seus conterrâneos. Numa fase posterior, “é possível que tenha caminhado para uma lucidez progressiva quanto à identificação da raiz profunda do mal”. E esta estaria, no dizer do Mestre, “no coração do ser humano”, como o afirma Mc 7.15,21: “Nada há fora do ser humano que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai do homem é o que o contamina [...] Porque de dentro, do coração dos seres humanos, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios...”*<sup>29</sup>.

*Inferência:* Assim como Jesus evoluiu, nós tampouco necessitamos continuar presos a conceitos de uma mentalidade antiga. Se o mal não vem de fora para dentro, mas de dentro para fora, é preciso trabalhar o nosso interior, o nosso “coração”, e não “demônios” que porventura estariam a rodeá-lo.

Essa hipótese não tem apoio concreto nos textos. Mc 7.15,21 poderia valer como estágio final de um pretendido processo evolutivo unicamente se houvesse aí referência ao que nos interessa mais diretamente, ou seja, a doenças e a possessões. Mas esse não é o caso. Além disso, a evolução do cristianismo posterior à ressurreição também fala contra: se Jesus tivesse evoluído para estágios posteriores de entendimento, por que os seus discípulos e outros apóstolos teriam teimado em perpetuar uma prática segundo o estágio mais primitivo do seu pensamento?

---

<sup>29</sup> Esta é a tese de Juan A. Ruiz de GOPEGUI, op. cit., p. 337.

## 7 - Interpretações atuais do fenômeno

O estudo das patologias de ordem física, psíquica e espiritual a que estão sujeitas as pessoas possesas (veja o quadro anterior a respeito) tem dado ensejo também na atualidade para uma gama de interpretações do fenômeno. Entre estas podemos citar:

1. A interpretação que assume, até certo ponto, a cosmovisão bíblica e interpreta o fenômeno a partir da existência e ação de seres espirituais maléfic<sup>30</sup>, o que se costuma fundamentar com as práticas e ditos exorcistas de Jesus e dos apóstolos e/ou com textos como Rm 8.38s.; Ef 2.2; 6.11s.; Mt 25.41/Ap 12.9, etc. Entende-se possessão, nessa interpretação, sempre como ação de fora para dentro de alguém, sendo que sobre a identidade e as características mais exatas de tais demônios são admitidas diferenças nos detalhes. No essencial, há consenso: a ação dos demônios manifesta-se, por excelência, nos casos em que impropérios e irreverência a Deus ou Cristo aparecem conjugados com mentalidade mórbida e autodestrutiva, mais alterações físicas, como força sobre-humana, alterações faciais e de voz, insensibilidade à dor, entre outras.

2. A interpretação demitologizante clássica, representada, p.ex., por Bultmann. Esta é de opinião que os avanços científicos em áreas como medicina, física, astrologia, etc. tornam perfeitamente prescindível uma crença em demônios. O pressuposto é: o que era atribuído a demônios pode ser explicado plausivelmente de outras formas. Atualmente é, sobretudo, a parapsicologia que busca interpretar racionalmente os fenômenos ligados à possessão e exorcismos através de teorias como o sansonismo, a tiptologia, telecinesia, psicofonia, xenoglosia, hierognose, etc.<sup>31</sup>

3. Interpretações da psicologia e psiquiatria. Estas sustentam que as possessões representam casos de doenças mentais ou psicossomáticas, a exemplo de neuroses, psicoses e, mais recentemente, dissociações de personalidade (*multiple personality disorders*)<sup>32</sup>.

---

30 Cosmovisão semelhante é igualmente compartilhada por crenças animistas indígenas, por religiões afro-brasileiras e pelo espiritismo, ressaltando-se, naturalmente, as devidas nuances nos pormenores.

31 O estudo mais criterioso a esse respeito relacionado com os exorcismos de Jesus é o de Oscar G. QUEVEDO, *Antes que os demônios voltem*.

32 A maior crítica que se tem feito a esta corrente interpretativa é a de que interpreta o fenômeno como “projeção” sobre uma outra pessoa – no caso, sobre os demônios – de sentimentos ou conflitos reprimidos na psique. Ora, neste caso, a origem do problema é interior ao indivíduo, o problema nasce de dentro e é projetado para fora. No testemunho bíblico sobre a possessão, o que acontece é exatamente o contrário: não é algo interior que é projetado de dentro para fora, mas algo de fora que é “introjetado”: Cf. C. STRECKER, *Performative Welten*, p. 311-319.

4. Interpretações sociológicas. Nesses casos, entendem-se as possessões como estratégias para o aumento da auto-estima ou então como comportamentos de protesto por parte de pessoas oprimidas<sup>33</sup>.

Essas principais tentativas de apreensão do fenômeno não precisam ser necessariamente excludentes em todos os casos. Elas podem complementar-se e corrigir-se parcialmente. As interpretações 2-4 têm em comum que, embora aclarem vários aspectos do fenômeno de forma inovadora, não conseguem explicá-lo em todos os seus detalhes. Isto vale, em especial, para o modo de apreensão dos exorcismos praticado pela psicologia/psiquiatria e parapsicologia. Muitos casos conseguem ser explicados e apreendidos satisfatoriamente, mas outros tantos deixam no mínimo tantas perguntas e questões não resolvidas quanto o contrário. Essa é a razão pela qual uma antropóloga como Felicitas D. Goodman termina o seu livro sobre êxtase, possessão e demônios com palavras de profundo respeito por todos aqueles e aquelas que concebem o mundo no qual existimos com a presença de seres espirituais diferenciados, espíritos do bem e espíritos do mal<sup>34</sup>. Talvez também nós façamos bem em nos esforçarmos para a elucidação racional dos fenômenos de possessão até onde isto seja possível, evitando, contudo, pensar todos os fenômenos dentro de uma única cosmovisão – e esta muitas vezes cunhada por um excessivo iluminismo e materialismo. Será sempre salutar se conseguirmos ter uma atitude de abertura para a possibilidade de o mundo criado por Deus compreender um pouco além daquilo que conseguimos ver e examinar em laboratórios ou clínicas terapêuticas.

## Conclusão

1. Independentemente do que cria pessoalmente, é fato inegável que Jesus realizou exorcismos com um código cultural, lingüístico e religioso semelhante ao vigente em sua época e integrado às pessoas entre as quais atuou. O mais importante talvez não seja, em si, o código cultural-religioso pressuposto e aplicado, mas a eficácia do poder redentor de Jesus frente aos “possessos”, independentemente de como eram entendidas as desgraças das quais padeciam as pessoas. Álvarez afirma:

---

33 Interpretações neste sentido são feitas por G. Theissen (*Urchristliche Wundergeschichten*) e J. D. Crossan (*O Jesus histórico*), para só citar dois exemplos. A crítica que se costuma fazer a esse tipo de interpretação é, em primeiro lugar, que o baixo número de exorcismos atestados para a época neotestamentária contrastaria com a enorme pobreza infligida às populações pelo Império Romano. Além disso, os possessos retratados nos textos não são necessariamente identificados como pobres. Cf. C. STRECKER, *Performative Welten*, p. 319-326.

34 Cf. F. D. GOODMAN, *Ekstase, Besessenheit, Dämonen*, p. 183-187.

Los presuntamente “poseídos” eran en realidad enfermos. Pero, dado que la gente explicaba aquellos transtornos y su curación mediante el lenguaje de “posesión” y “exorcismo”, Jesús no tenía por qué hablar de una forma distinta. Y por esto cuando le traían algún enfermo, simplemente se preocupaba de él, pues su único objetivo era mostrar el poder y la bondad de Dios, su Padre, y no dar clases de psiquiatría.<sup>35</sup>

2. A despeito de certas coincidências com o código cultural-religioso da época em relação às “possessões”, a comparação dos exorcismos de Jesus com a prática exorcista da época permite afirmar que ele não foi um “exorcista tradicional”, no sentido de ter empregado certas fórmulas ou ritos especiais. Oscar G. Quevedo conclui:

Jesus curava os “possessos” (isto é, os pacientes de doenças internas), exatamente da mesma maneira que curava os outros pacientes de doenças externas. Com sua palavra, pela imposição das mãos, com sua presença, pela sua autoridade [...] Nos casos de curas de “endemoninhados” não encontramos qualquer coisa semelhante a rituais, fórmulas, conjuros [...]. Os pacientes de doenças internas (“endemoninhados”) curam-se simplesmente pela vontade de Jesus.<sup>36</sup>

---

35 Cf. *ibid.*, p. 64.

36 Cf. *ibid.*, p. 334s.